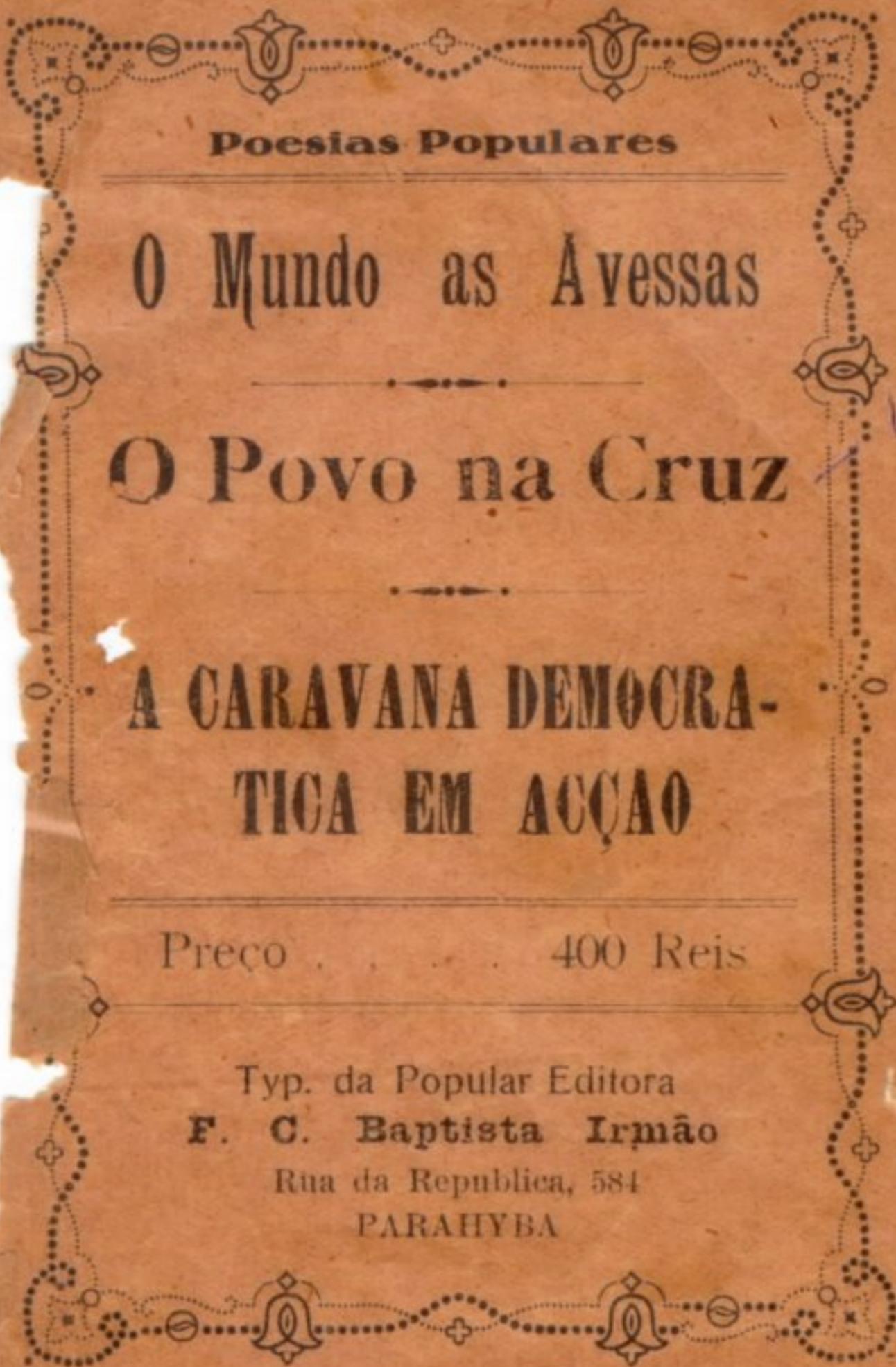


*A. J.*



**Poesias Populares**

---

**O Mundo as Avessas**

---

**O Povo na Cruz**

---

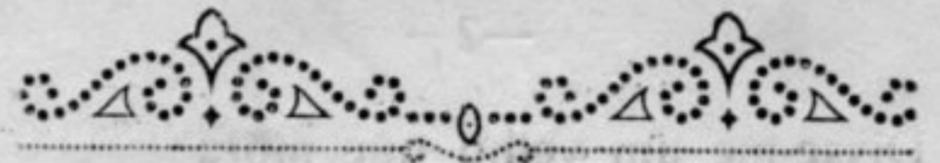
**A CARAVANA DEMOCRATICA EM ACCAO**

---

Preço . . . . . 400 Reis

---

Typ. da Popular Editora  
**F. C. Baptista Irmão**  
Rua da Republica, 584  
PARAHYBA



## O Mundo as

## avessas

O mundo era uma obra  
Que não faltava uma peça,  
Tudo que havia era bom  
Porque tudo assim confessa,  
Foram ver se endireitavam  
Ficou assim as avessas.

Antigamente este mundo  
Tinha como presumpção  
De castigar quem se pegasse,  
Com qualquer roubo na mão.  
Os homens hoje castigão  
Quem descobrir um ladrão.

Eu creio que o mundo foi bom,  
Tudo mudou-se depois,  
Quem salvava em outro tempo,  
Hoje é o primeiro algoz,  
Não vê-se em linha de ferro  
Carros conduzindo os bois?

Disse-me um velho que mora  
Na Parahyba do Norte:  
Vio a desgraça queixar-se  
Do caiporismo da sorte:  
Vio a doença doente,  
Vio mesmo morrer a morte.

Vio dor de dente gemer  
Porque doia-lhe um dente,  
Cabeça de dor de cabeça,  
Doendo damnadamente,  
Vio callos nos pés dos callos,  
Vio a demencia demente.

Eu conversando isto  
Com grande admiração,  
Então disse-me outro velho,  
Que este anno em Santo Antão,  
Deu bexiga nas bexigas  
E deu febre na sezão.

E são tantos os phenomenos,  
Tantos exemplos e factos  
Quem não morrer breve vê,  
Guabirú comer os ratos,  
Criar-se bobe no mar  
E criar-se peixe nos matos.

Tudo hoje me faz cres  
Que este mundo está mudado,  
Porque tem se dado cousas

De que fico admirado.  
Um dia deste um fiscal,  
Queixou-se que foi multado

Outrora quem tinha febre,  
Não se podia molhar,  
Pois se molhando corria  
Perigo de estuporar.  
Hoje tendo muita febre,  
Se molha para escapar.

Nesse tempo qualquer noivo,  
Casava sem atropelo,  
Vinha um crucifixo ao acto.  
O padre havia benzel-o,  
Hoje o padre é um juiz,  
Em vez de imagem é o sello.

Outrora os filhos diziam  
Que só ás mães tinham amor,  
Eu dizendo isso a uma  
Ella disse: não senhor.  
Um filho nascendo em paz,  
A mãe lhe deve um favor.

O cemiterio se fecha,  
Ninguem vê mais um doente,  
A morte desaparece,  
Do mal se perde a semente  
Mas o mundo ha de crescer  
Senão não cabe mais gente.

Dizem que na Parahyba,  
Muitos casos foram dados,  
Os criminosos nas villas,  
Teem prendido soldados.  
Com pouco sellam-se os homens  
E cavallos andam montados.

No estado de Alagôas,  
Foi claro para se ver,  
Segundo diz o jornal  
Em que nós devemos crer,  
Um menino fez discurso,  
Um mez antes de nascer.

Só nos falta ver agora  
O crime na innocencia,  
Bôas obras no diabo,  
E cego com paciencia,  
Um padre sem interesse,  
Velho sem experiencia.

Eu vi um velho no sui,  
Que estava muito contente,  
Porque estava engatinhando  
Esperava certamente  
Visto estar tudo as avessas  
Nascer-lhe ainda algum dente.

Só nos falta ver agora  
Dor de cabeça no braço,  
Hemorrhoidas na cabeça,

Unheiro no espinhaço,  
Dor de dente nas orelhas,  
Festa de natal em março.

Disse-me um velho: que viu,  
Um porco fazendo feira,  
Um gato vendendo tripa,  
Um aruá na carreira,  
Viu um domingo de paschoa  
Cahir n'uma quinta-feira.

Esse mesmo disse que vio,  
Emboá com suspensorio,  
Um bode tirar novena,  
Mosca tomar vomitorio  
Burro como guarda-livro,  
Morcego com escriptorio.



## O povo na Cruz

13

Alerta, Brazil, alerta !  
Disperta o somno pezado  
Abre os olhos que verás  
Teu pavo sacrificado  
Entre peste, fome e guerra  
De tudo sobresaltado.

O brasileiro hoje em dia  
Luta até para morrer,  
Porque depois d'elle morto  
Tudo nelle quer roer,  
De forma que até a terra  
Não acha mais que comer.

A fome come-lhe a carne  
O trabalho gasta o braço  
Depois o governo pega-o  
Ha de o partir a compasso  
Alfandega, Estado, Intendencia  
Cada um tira um pedaço.

O medico cobra a receita  
O boticario a meizinha  
O juiz confisca logo  
Alguns bens se acaso tinha  
Inda ficando uma parte  
Diz a Intendencia, é minha.

Assim morre o brasileiro  
Como o bode exposto á chuva,  
Tem por direito o imposto  
E palmatoria por luva,  
Familia só herda d'elle  
Nome de orphão e viuva.

Morrendo um pobre diabo  
Se acaso deixar dinheiro  
Ainda deixando um filho  
Este não é seu herdeiro  
Só herda d'elle o juiz  
O escrivão o coveiro.

E o governo bem vê  
Nossos martyrios crueis  
Só faz é nos botar selo  
Da cabeça até os pés,  
Diz de manhã morre um  
Ao meio-dia nascem dez.

E grita vá o imposto  
Morra quem estiver doente  
Morrem cem nascem dez mil,  
O Brazil tem muita gente  
O tempo vai muito bom  
Toca o banquete p'ra frente.

O governo estraga o pão  
Dizendo não custou nada  
Dinheiro nasce no matto,

Acha-se em qualquer estrada  
Vendo o mendigo morrer  
Com fome ao pé da escada.

Porque o pobre infeliz  
A quem a fome deu cabo  
Diz o prefeito morreu  
Pode levar o diabo  
Diz o coveiro: de graça  
A sepultura não abro.

São essa as garantias  
Que competem ao brasileiro  
Ter fome em cima do pão  
Ser pobre tendo dinheiro  
Ser mandado pelos servos  
Isto causa desespero

Como vive o brasileiro  
Com tres impostos a pagar  
Um corpo com tres feridas  
Como assim pode escapar?  
Um ser escravo de tres  
Se acaba de trabalhar.

São tantas as perseguições  
Dos impostos que se paga  
Que um fiscal p'ra nação  
Não póde haver maior praga  
E' como bala de rifle  
Onde vai fura ou esmaga.

Não ha mesmo quem resista,  
Estes impostos d'agora  
Diz o governo que tem  
Quer morra tudo em u'a hora?  
Quando o morto se acabar  
Eu boto o bagaço fóra.

E se não houver inverno,  
Como o povo todo espera,  
De Pernambuco não fica  
Nem os esteios da trapera,  
Parahyba fica em nada  
Rio Grande desespera.

O Rio de Janeiro, hoje  
Parece um grande condado,  
Ri-se o rico, chora o pobre  
Lamentando o seu estado  
Diz o governo eu vou bem,  
Tudo vai do meu agrado.

São Paulo para o governo  
E' primor da criação,  
Eu o acho parecido  
Com sitio da maldição,  
Aquelle que Judas comprou  
Com o ouro da traição.

Filho de chefe politico  
Inda bem não é gerado  
Diz o pai minha mulher

Ja tem no ventre um soldado  
Mas antes de sentar praça  
En o guero reformado.

Assim antes de ser casa,  
Já podia ser tapera,  
Ou cajù que antes da fructa,  
Já a semente prospera  
Ou é raça de pescada  
Que antes de ser já era.

Nosso Pernambuco velho  
Ha annos anda caipora,  
Vendo-se a hora e a instante  
Que a capital vai embora  
O governo está marcando  
Em botar-lhe o bagaço fôra.

Parahyba coitadinha!  
Já perdeu toda esperança,  
E' mesmo que uma boneca  
Nas unhas d'uma creança,  
Faz toda suplica ao governo  
Mas puplica e nada alcança.

Em que hoje está tornado  
O paiz de Santa Cruz!  
Está igual a mariposa  
No calor do fogo ou luz,  
O brasileiro é um verme,  
O estrangeiro é mastruz.

O Brazil hoje só presta,  
Para inglez padre e soldado,  
Medicos, feiticeiros e brabos,,  
O mais vive acabrunhado,  
De fôrma que fica o mundo,  
Por estes só situado.

O rico matando o pobre,  
Nem se recolhe a prisão,  
Diz logo o advogado,  
Matou com muita razão  
Se passa um mez na cadeia,  
Tem a gratificação.



A Liberdade offerecida ao povo,  
pela democracia em acção em  
todo o Brasil

Surgiu o sol no horisonte  
Com raios de oiro a brilhar,  
Com a libeadade nas mãos  
Pelo Brasil a espalhar . . .  
Foi subindo e semeando,  
E o povo em geral gritando:  
Está livre a nossa irmandade;  
Dizem os bosques a os oiteiros  
Dizem os valles aos ribeiros:  
—Nasceu hoje a liberdade.

Traz-nos ella as chaves de oiro  
Que abrirão as correntes  
Tirando do carcere negro  
Condenados innocentes!  
Trará nas mãos a virtude  
De restarrar a saúde  
Do Brasil, que causa dó! . . .  
Que livre de um poder barbaro  
Resurgirá, como Lazaro  
Surgiu da fenda do pó.

Morrerão com os oligarchas  
As tiranias de outrora  
O que hontem erra escravo  
E' cidadão livre agora;  
Bate no peito e diz sou

Livre qual Deus me creou  
Não reconheço mais jugo!  
Sou livre, sou cidadão;  
O governo da nação  
Não será mais meu verdugo.

Vive qual cego sem guia  
A politica brasileira  
Trazendo presa nas mãos.  
Os trapos de uma bandeira  
O echo da dor subiu  
Jehovah do ceu ouviu  
E do Brasil teve dô, . . .  
E Assis e Mauricio então  
Vêm como Moysés e Aarão  
No tempo de Pharaó

Viu-se em vinte e dois de julho  
Do anno de vinte e quatro  
Com a revolução paulista  
Da scena o primeiro acto;  
Foi um dia de festim  
O céu de em azul setim,  
Parecia dizer:—bravos!  
E os que na luta tombaram,  
As almas que aos céos mandaram  
Não foram almas de escravos.

Qual uma luz que se apaga  
Cairão os politiqueiros,  
E jamais enricarão

A' custa dos brasileiros...  
Todos gosam liberdade,  
Perante a sociedade  
Não pode haver distinção;  
Está o Brasil satisfeito  
Por ver hoje ter direito  
Todos da sua nação.

Queime-se agora o azourague  
Que devora o infeliz  
Destruam-se as geladeiras  
Que humilham este paiz.  
Criem ferrugem os guilhões,  
Feixem-se as duras prisões  
Que tem o povo captivo  
Corte-se o imposto que mata;  
E um governo democrata  
Diga ao paiz: inda és vivo!

Amanhã terão os homens  
Todos o mesmo conceito,  
E pra todos chegará  
Justiça, lei e direito.  
O jeca do alto sertão  
Que planta o milho e o feijão  
Tambem poderá votar  
Porque com o voto secreto  
Prestes—o grande insurrecto  
Pode o Brasil governar.

Graças a Deus que chegou  
O Anjo da abolição,  
Semeando a liberdade  
Na terra da promessa;  
Plantou a arvore da vida  
Que éra desconhecida  
No paiz da crueldade.  
Vai essa arvore fraudando  
E os frutos que vão brotando  
São paz, amor, liberdade.

Lave-se a mancha nojenta  
Que infama a nossa nação  
Que tem de politica o nome,  
E que faz-nos ficar ladrão;  
Que veja o paiz visinho  
Que o Brasil ja não é ninho  
Do politico explorador,  
Que o governo é democrata,  
E que ao povo do paiz trata  
Com justiça paz e amor.